

EDITORIAL

A revista *Opsis* surgiu em 2001 da iniciativa de um pequeno grupo de professores reunidos na Universidade Federal de Goiás, no Campus de Catalão, que se organizaram e criaram o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais, no anseio de edificar um espaço que agregasse pesquisadores e viabilizasse a produção de investigações e discussões ligadas ao campo da cultura. A revista veio após a criação do Núcleo (1997) e foi pensada como um veículo de difusão de suas produções e como instrumento de troca, de interação e de intersecção com pesquisadores de outras instituições.

A revista segue as diretrizes do Núcleo e sua proposta de diálogo interdisciplinar com as diversas áreas do conhecimento humano e social, em vez de fechar-se numa disciplina em específico e ater-se às suas amarras e limitações. Ainda que a presença dos historiadores tenha sido primordial e majoritária no grupo, que teve seu núcleo inicial alargado também por pesquisadores das áreas da educação, psicologia, geografia, educação física, letras..., a perspectiva de abordagem plural dos objetos de estudos, de situá-los em zonas fronteiriças e nas encruzilhadas de tantos saberes, de abertura para outras ciências, tem prevalecido.

Opsis é um termo grego que significa visão e designa aquilo que é visível e confiado ao olhar, à observação. Portanto, a revista está aberta aos olhares diversos sobre a realidade cultural pensada de modo amplo tanto como as múltiplas práticas humanas e sociais como os modos diversos de vida e as experiências neles produzidas. Deste observatório do campo cultural da sociedade, seus membros e colaboradores focam suas visões, múltiplas, sobre as mais diversas facetas da existência e fazem-no com documentação e embasamento teóricos também diferenciados.

A revista, com periodicidade, até então, anual, tem seguido a dinâmica de publicar um dossiê com a temática abordada nos

simpósios produzidos pelo Núcleo no ano anterior. Desta forma, em 2001, publicamos o “Dossiê Cultura e Fim de Milênio”; em 2002, produzimos dois números, o primeiro teve por tema “Cultura e Religiosidades”, e, o segundo, “Vozes, Imagens e Memórias”; em 2003, tratamos da relação “Cultura, Arte e Técnica”; em 2004, o foco foi “Cultura Popular”; em 2005, a problemática foi “Comunicação e Cultura” e, em 2006, “Gênero e Cultura”.

Com essa trajetória, a Opsi está completando sete anos, consolidando-se, afastando-se da ameaça de vida efêmera e entrando numa nova fase, na qual algumas mudanças em sua configuração estão sendo implementadas. A jovem mensageira de Clio deixa de ser revista do NIESC, tornando-se veículo do curso de História, mas sem abandonar a perspectiva de ater-se às interfaces com os saberes vizinhos. Antenada a seu tempo, passa a ter periodicidade semestral e pode ser acessada, também, na rede internacional de computadores, com roupagem eletrônica.

Neste número, traz o Dossiê Corpo e Cultura, que é aberto pelo artigo “Corpo: âncora de emoções – trajetórias, desafios e perspectivas”, de Maria Izilda Santos de Matos, que é seguido pela discussão das relações entre sociedade, corpo e cultura empreendidas por Clarissa Sanfelice Rahmeier. Na trilha das discussões sobre gênero e identidades, temos os trabalhos de Carlos Eduardo Sarmento e Bianca Freire-Medeiros, de Alexandre Fleming Câmara Vale, de Adair Marques Filho e Flávio Pereira Camargo, e de Valdeci Rezende Borges, tratando do universo homossexual e transgênero e da prostituição feminina.

Abordam a questão do corpo e da cultura em objetos artísticos, como poemas, pinturas e filmes, os trabalhos de Flávia Regina Marquetti e de Érica Rodrigues Fontes, que são sucedidos pela reflexão de Luzia Márcia Resende Silva, a respeito das representações do corpo na cultura popular.

Finalizando este dossiê, Leandro Mendanha e Silva volta sua atenção para o corpo na história, aos entrelaçamentos com poderes e saberes variados, como aqueles, em seguida analisados,

por Maria do Carmo Morales Pinheiro, Ana Carla Dias Carvalho e Nívea Maria Silva Menezes, que o inserem em diversos processos educacionais e relações de força.

Entre os artigos com temática livre, Roberto Vecchioni, da Universidade de Torino, Itália, trata da relação entre poesia e comunicação; Vanda Cunha Albieri Nery e Natassia Catia Silva apresentam uma reflexão e interpretação sobre propaganda subliminar, que é sucedida pela discussão de Gisélia Maria Campos, sobre as relações entre história e memória, que também foram discutidas por Matheus de Mesquita e Pontes. Finalizando essa seção, os trabalhos de Márcia Rejany Mendonça e de Cristiane Pimentel voltam sua atenção para o universo da cultura urbana, o primeiro sobre os retratos da cidade na cultura escrita e o segundo sobre práticas populares.

Encerrando este número, trazemos a resenha de Regma Maria dos Santos sobre as relações entre memória e imaginação no processo de criação de Graciliano Ramos.

Valdeci Rezende Borges